

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O EQUIPAMENTO ERGOLÓGICO DOS ÍNDIOS ANAMBÉ DO ALTO RIO CAIRARI. MUNICÍPIO DO MOJU, ESTADO DO PAR, BRASIL.

FIGUEIREDO, Napoleão; RODRIGUES, Ivelise

Ano: 1982 | Número: 92

Como citar este documento:

FIGUEIREDO, Napoleão; RODRIGUES, Ivelise, O Equipamento ergológico dos índios Anambé do alto rio Cairari. Município do Moju, estado do Par, Brasil. *Revista de Guimarães*, 92 Jan.-Dez. 1982, p. 181-216.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O equipamento Ergológico dos Índios Anambé do alto rio Cairari

(Município do Moju, Estado do Pará, Brasil)

Por NAPOLEÃO FIGUEIREDO

Professor Titular da Univ. Federal do Pará

IVELISE RODRIGUES

Pesq. Assist. do Museu Paraense Emilio Goeldi

Os índios Anambé estão actualmente localizados na região do alto rio Cairari, afluente do rio Moju, que tem seu curso no município do mesmo nome no Estado do Pará. Essa região está entre os meridianos 48.º e 50.º W e 2.º e 4.º S., em faixa amazónica. O relevo é de plano terciário (Guerra, 1959: fig. 2); com clima quente e húmido e estação seca pronunciada (Galvão, 1959: 85). A vegetação é do tipo de floresta tropical latifoliada com predominância de terras firmes (Kuhlmann, 1959: fig. 87) e a economia preponderante é o extractivismo florestal (Dias & Guerra, 1959: 256).

A região é de difícil acesso, pois o rio Moju é navegável até as primeiras cachoeiras e o último sítio habitado é o sítio Mamorama, nas proximidades do igarapé do mesmo nome. Quanto ao Cairari, seu afluente maior do lado esquerdo, este é navegável até o lago Pequeno, e, subindo o mesmo, depois desse acidente, somente pequenas embarcações de pequeno calado conseguem penetrá-lo na estação chuvosa, pois durante a estação seca o curso do mesmo fica totalmente obstruído pelo grande número de árvores tombadas ou submersas. O último local habitado é o sítio Pedra (Mapa).

As notícias mais antigas sobre a penetração da região são encontradas em Muniz (1916: 539-547) que se refere que a actual cidade do Moju está localizada

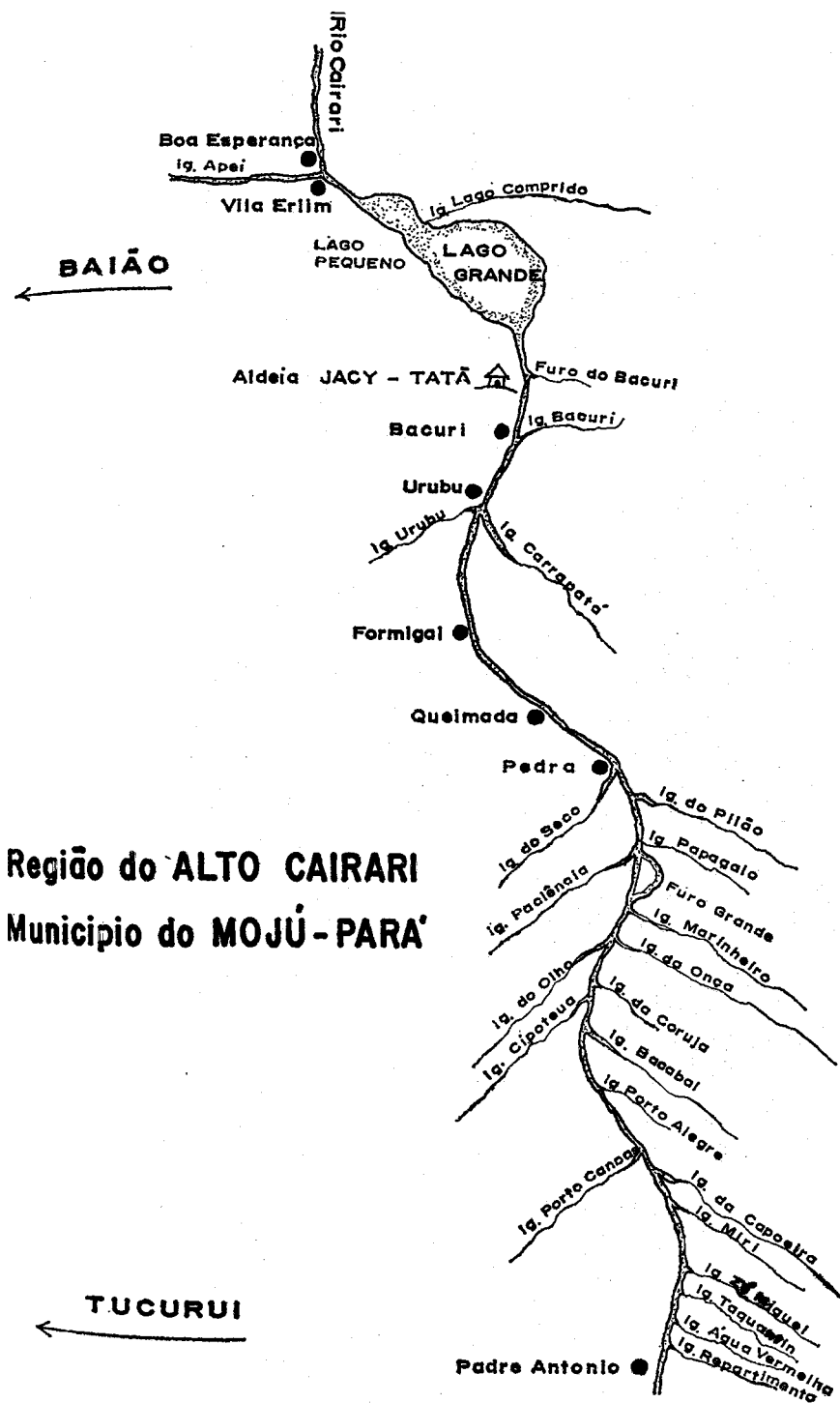
em terrenos doados por Antonio Dornelas de Souza à Irmandade do Espírito Santo, em Julho de 1754, por ocasião da visita do Bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, criando uma freguesia que depois de algum tempo decaiu para povoado. Um documento de 5 de Agosto de 1760 (Correspondência dos Governadores com a Metrópole In *Anais da Biblioteca e Arquivo Publico do Pará*, Vol. 8:156) sobre a reclusão dos Regulares da Companhia denominada de Jesus, informa que «as fazendas que os mesmos regulares possuirão no rio Moju são das Borajuba, Jaguarari, Gibié, um cacual no igarapé chamado de Maria Nunes...». O inventário da Companhia de Jesus (Leite, 1943: 302) descreve as propriedades da fazenda nesse rio, com suas oficinas e anexos.

Muniz (1916: 539) ainda indica que «decaiu o núcleo em povoado, após a primeira erecção da freguesia, ao ponto de ser totalmente abandonada dos poderes públicos, desaparecendo totalmente a categoria eclesiástica que lhe fora concedida, entrando esquecida para o período da Independência».

Em 1839 foi novamente elevada à categoria de freguesia e em 1856 foi criado o Município do Moju, sendo a freguesia do Espírito Santo elevada à categoria de Vila. O município ficou constituído pela sede e pelas freguesias de S. Miguel no rio Acará e a de Nossa Senhora da Soledade do Cairari.

Crises políticas levaram o governo a extinguir o município em 1887 e a restaurá-lo em 1889, voltando a extingui-lo em 1930 e a restaurá-lo em 1935. Desmembramentos e acréscimos foram feitos sucessivamente em seu território em 1938, 1943, 1956 e hoje o Município possui 11.606 km² em seus dois distritos: Moju e Cairari.

Loukotka (1939:164 e mapa; 1968:112-113) inclui os Anambé dentre os grupos indígenas de fala Tupi. Nimuendaju (1948: 204) informa que os Anambé pertencem ao grupo de fala Tupi, dialecto He (segundo a classificação de Eherenreich), muito semelhante à língua dos Tembé-Guajajara e dos Turiwara. McQuown e Greenberg (apud Tax, 1960: 436) os enquadra dentre os de língua Anambé, sub-família Tupi, família Tupi-Guarani, stock Equatorial do phylum Andino Equatorial. Rodrigues (1964: 101-102) esclarece que os mesmas fa-



Região do ALTO CAIRARI
Município do MOJÚ-PARA'

lam o dialecto Anambé, língua Tenetehara, família Tupi-Guarani do tronco linguístico Tupi.

Esse grupo segundo Brusque (1962: 12) teve seu primeiro contacto com a população neo-brasileira em 1842. Cunha (1853: 18) refere que em 1852, os mesmos apareceram na margem esquerda do rio Tocantins e eram aproximadamente 600 indivíduos. Outro grupo habitava a aldeia do Tauá, nas cabeceiras do rio Cururuhy, afluente do rio Pacajá, porém seu primeiro contacto foi realizado no rio Caripy, afluente do rio Tocantins, um pouco acima de Alcobaça (hoje Tucuruí). Uma aldeia de 250 Curupity (?) e Anambé no alto rio Pacajá, manteve guerra com os Curumbu, segundo Brusque (1862: 12) e essa aldeia ficou reduzida a 46 indivíduos. Notas esparsas de Souza (1873: 222-223), falam dos Anambé do Pacajá Grande. Eherenreich (1895: 163-168), colectou material linguístico Anambé em Arapari. Moura (1910: 106), igualmente faz referência dos mesmos em 1896 fotografando dois homens e Buscalioni (1901: 239) em sua excursão botânica ao Tocantins traz ligeiras notas sobre os mesmos.

No mapa mandado organizar pelo governo do Estado do Pará (Matoso, 1908: mapa) encontramos o registo desse grupo indígena entre os rios Pacajá e Iriynauá. Sttegerda (1959: 89) refere que «the Anambé, a Tupi group living in the lower Tocantins River, show an almost skin color». Uma pequena nota vamos encontrar também em Metraux (1928: 21), que diz que «Ils habitent sur la rive gauche du bas Tocantins audressous du dernier rapide du Reboja du Guariba et près d'Arapari». Eherenreich les identifie aux Amanajo ou Manajo de l'ancienne literature que Martius situe pendant différemment».

Nimuendaju (1948: 204) indica que a tribo Anambé estava totalmente extinta. Não encontramos sobre os mesmos, referência alguma em Ribeiro (1957: quadros I-II) quando estuda a situação dos grupos indígenas brasileiros quanto ao grau de integração na sociedade nacional no período 1900/1950) e não há registo desse grupo na Inspectoria Regional da Fundação Nacional do Índio.

Steward & Faron (1959: 16-30), quando estudam os grupos indígenas do Brasil, não fazem referência alguma aos Anambé, e ao pequeno grupo existente no rio Cairari,

é classificado com Turiwara. Malcher (1964: 213) nos indica que os Turiwara «é tribo praticamente extinta, cujos remanescentes encontram-se vivendo no rio Acarai juntamente com os Tembê, e no Cairari, afluente do rio Moju Estado do Pará.

Em 1948, Expedito Arnaud foi designado pela 2.^a Inspectoria do antigo Serviço de Protecção aos Índios (SPI), para investigar a situação de um grupo localizado no alto rio Cairari e conhecido com o nome de Turiwara e que somava 32 indivíduos. Vinte anos mais tarde, esse mesmo grupo, já identificado como Anambé, foi visitado por pesquisadores do Museu Paraense Goeldi (Arnaud & Galvão, 1969: 1), com o objecto de reunir alguns dados etnográficos e avaliar a situação de contacto desses remanescentes com a sociedade nacional.

Figueiredo & Folha (1975), quando estudam «o destino das sociedades tribais na Amazónia Brasileira», fazem referência aos Anambé, localizados na área Tocantins-Xingu (sub-área oriental de Galvão (1979: 217-219).

O actual aldeamento Anambé está localizado no rio Cairari, acima do Lago Grande e em frente ao furo do igarapé Bacuri. Até onde vai a memória tribal, as informações colhidas, indicam que o grupo veio para esse rio, das cabeceiras do rio Moju, após luta com os Gavião que os expulsaram daquele território, Desceram o rio Moju, sempre perseguidos pelos Gavião e se encontraram com a população interiorana desse rio, na altura do lugar Cachoeira, nas proximidades do igarapé Água-Clara; cruzaram o divisor de águas entre os rios Moju e Cairari e levantaram aldeia no lugar Sipoteua, nas proximidades do Igarapé do mesmo nome. Nessa localização, perto de quarenta anos atrás, foram encontrados pelo comerciante Bernardino Inácio dos Santos, que com eles fez contacto, estabelecendo relações de amizade. Ocuparam posterior e sucessivamente aldeias que foram construídas na foz do igarapé do Marinheiro, nas proximidades do Lago Grande (Aldeia Velha) e na localização actual.

Quando foram localizados pelo senhor Bernardino, eram cerca de 60 indivíduos; na aldeia velha quando foram visitadas por Arnaud (Arnaud & Galvão, 1969: 1), somavam trinta e dois indivíduos e em 1969 eram 20 índios

e 2 mestiços vivendo na aldeia Yacy-Tatã; 4 índios e 10 mestiços, vivendo fora da aldeia.

A depopulação do grupo ocorreu por epidemias de sarampo que dizimou a população adulta nos aldeamentos anteriores à actual localização. Essa situação deve permanecer até o momento, pois após 1969, vítimas de sarampo, faleceram 2 índios, 2 índias e 1 mestiço.

A aldeia Yaci-Tatã está situada em terreno alto e primitivamente constava de seis casas, sem plano de construção, aproveitando as partes altas da margem do rio: duas casas distam cem metros do porto, uma das quais servia como local para ralar mandioca e duas delas distam cerca de trezentos metros do porto; uma delas desabitada e a outra, em ruínas.

Os Anambé constituem grupo integrado à sociedade nacional, tendo perdido todos os seus elementos culturais de origem, excepto a língua. Constituem hoje uma fronteira étnica e, totalmente mestiçados, estão completamente envolvidos por uma população interiorana, dedicada à extracção de madeira em toras e latex de maçaranduba (*Minosups excelsa* Ducke), da qual são totalmente dependentes, muito embora não participem directamente dessa actividade extractivista. Possuem ainda roçado comunal de mandioca, arroz e milho, dedicando-se igualmente à colecta, à caça e à pesca. Os elementos culturais de seus níveis adaptativo, associativo e ideológico, são muito parecidos com os da população interiorana de beira de rio, que os cerca.

Os Anambé foram estudados em 1968 e 1969 por Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino e Silva, da Universidade Federal do Pará, que desenvolveram na área, o Projecto Cairari (Figueiredo & Vergolino e Silva, 1968, 1969 e 1972), aprovado por essa Universidade. Nas duas etapas de campo, foram feitas duas colecções: uma depositada na Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emilio Goeldi INPA/CNPq) e a outra, depositada no Laboratório de Etnologia (CFH/Departamento de História e Antropologia) da Universidade Federal do Pará.

Não são conhecidas outras colecções desse grupo indígena, depositadas em instituições científicas e, o

presente trabalho que descreve as duas colecções, tem como suporte, os diários de pesquisa das duas excursões de campo.

O sistema adoptado para o trabalho de laboratório em ambas as instituições (Museu Paraense Emilio Goeldi/Universidade Federal do Pará), obedece aos mesmos critérios para tombamento, codificação, classificação e descrição. O tombamento é feito por ordem numérica (cronológica) registando-se o tipo de artefacto, grupo social (indígena, população interiorana ou segmento de população urbana); localização geográfica: área cultural, para os grupoamentos indígenas (Galvão, 1979: 193-228), e região cultural, para os demais grupos (Dié-gues, Jr., 1960), acrescentando-se ainda o nome do colector e data da coleta.

A codificação obedecida é a montada por Simões (1963), a qual foi decalcada na de Murdock (1954) e para classificação e descrição dos artefactos, são utilizados os guias propostos por Ribeiro (1957), para plumária; por Simões (1963), para armas: arco, flecha e zarabatana; pela Comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e Irlanda (1971), para cestaria, tecelagem, decoração e figuras com cordas e truques; por Chmyz (1966, 1969) para cerâmica: por Laming-Empeaire (1967) para os objectos líticos e por Montandon (1934) para os demais artefactos.

São igualmente obedecidas as recomendações indicadas pela UNESCO (1959) e por Lewis (1976), quanto à conservação do equipamento ergológico.

Poucas são as publicações, onde o levantamento total do material etnográfico brasileiro, representado pelas colecções depositadas em instituições científicas, esteja ao alcance do profissional de Antropologia, para efeito de estudo, comparação e análise. As conhecidas no Brasil, são as de Figueiredo & Rodrigues (1973); Duarte (1974) e Figueiredo & Folha (1977). Fora do Brasil, são conhecidas as de Berthels, Komissarev & Lisenko (1979) e de Zerries (1980).

As colecções etnográficas até bem pouco tempo relegadas a uma posição inferior no estudo antropoló-

gico, começam novamente a ser objecto de estudo por parte dos etnólogos, pois, se os grupos humanos devem ser estudados na totalidade de sua cultura, os produtos ergológicos da mesma, constituem um sinal e um elemento essencial, visto reflectirem a diversidade de soluções encontradas perante os condicionamentos naturais e históricos.

E, se é verdade, como bem afirma Oliveira (1971) «que os Museus de Etnologia devem ser concebidos de modo a funcionar de certo modo como um prolongamento do terreno, onde se pode observar todos os elementos de uma cultura, que na vida real, já não se encontram», não menos verdadeira é a afirmação de que somente as colecções completas, feitas em séries regionais ou monográficas, permitem a visão e o conhecimento de um grupo humano em um determinado tempo.

BIBLIOTECA CITADA

- ANAIIS DA BIBLIOTECA E ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ (1913) — *Correspondência dos Governadores com a Metrópole*, Segunda Série, 1759-1761, In *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*, Tomo VIII, Instituto Lauro Sodré, Belém.
- ARNAUD, EXPEDITO GALVÃO, EDUARDO — *Noticias sobre os Índios Anambé* (Rio Caiari, Pará). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Nova Série, Antropologia, N.º 42, Belém. (1969)
- BERTHEL, D. E. et alii (1979) — *Materialien der Brasilien* — Expedition 1821-1829 des Akademiemitgliedes Georg Henrich Freiherr von Langsdorff (Grigorij Ivanovic Langsdorff. Völkerkundliche Abhandlungen. Band VII, Berlin.
- BRUSQUE, FRANCISCO CARLOS DE ARAÚJO (1862) — *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Pará* (em 10 de Setembro de 1862), Pará.
- BUSCALIONI, LUIGI (1901) — *Una escursione botanica nell'Amazzonia*, In Bolletino della Società Geografica Italiana. Série IV, Vol. 2.º, Ano XXXV, Vol. XXXVIII, Roma.
- CHMYZ, IGOR (1966) — *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Manuais de Arqueologia N.º 1. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

- *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Manuais de Arqueologia N.º 1, parte II, Universidade Federal do Paraná, 1969.
- COMISSÃO DO REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA (1971) — *Guia Prático de Antropologia*, Editora Cultrix.
- CUNHA, JOSÉ JOAQUIM DA (1853) — *Fala em que o Ex.mo Sr... Presidente da Província dirigiu à Assembleia Provincial...* no dia 15 de Agosto de 1853, Pará.
- DIAS, CATHARINA VERGOLINO GUERRA, ANTÔNIO TELXEIRA (1959) — *Indústria Extrativa Vegetal*, In Geografia do Brasil: Grande Região Norte, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- DIÉGUES JR., MANUEL (1960) — *Regiões Culturais do Brasil*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- DUARTE, ABELARDO (1974) — *Catálogo Ilustrado da Coleção Perseverança*, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Maceió.
- EHERENREICH, PAUL (1895) — *Materialien zur Sprachenkunde: IV Vocabulare der Guajajara und Anambé (Pará)*, In Zeitschrift für Ethnologie, XXVI, Berlin.
- FIGUEIREDO, NAPOLEÃO (1977) — *Amazônia: Tempo Gente*. Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Educação, Belém.
- FIGUEIREDO, NAPOLEÃO FOLHA, MARIA HELENA DE AMORIM (1975) — *Il Destino delle Società Tribale nell'Amazxonnia Brasiliana*, In Terra Ameriga n.ºs 33/36. Associazione Italiana Studi Americanistici, Génova.
- FIGUEIREDO, NAPOLEÃO RODRIGUES, IVELISE (1973) — *As Coleções Etnográficas de Belém (Pa)*, In O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário, Publicações Avulsas n.º 20, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- FIGUEIREDO, NAPOLEÃO VERGOLINO E SILVA, ANAIZA (1968) — *Projecto Cairari*. Diário de Campo, Universidade Federal do Pará, Mns. Belém.
- 1969 — *Projecto Cairari*, Diário de Campo. Universidade Federal do Pará, Mns. Belém.
- 1969 A — *Projecto Cairari*, Fototeca. Universidade Federal do Pará, Belém.
- 1972 — *Festas de Santo e Encantados*. Academia Paraense de Letras, Belém.
- GALVÃO, EDUARDO (1979) — *Encontro de Sociedades: Índios e Brancos no Brasil*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- GALVÃO, MARILIA VELLOSO (1959) — *Clima da Amazônia*, In Geografia do Brasil: Grande Região Norte, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

- GUERRA, ANTÓNIO TEIXEIRA (1959) — *Estrutura Geológica: Relevô e Litoral*, In Geografia do Brasil: Grande Região Norte. Instituto de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- KUHLMANN, EDGAR (1959) — *Tipo de Vegetação*, In Geografia do Brasil: Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- LAMING-EMPERAIRE, ANNETTE (1967) — *Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul*. Manuais de Arqueologia N.º 2. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- LEWIS, RALPH H. (1976) — *Manual for Museums*. National Park Service, Washington.
- LOUKOTKA, CHESTMIR (1939) — *Línguas Indígenas do Brasil*, In Revista do Arquivo Municipal, Vol. LIV, S. Paulo.
- 1968 — *Classification of South American Indian Languages*. Latin American Center. University of Califórnia, Los Angeles.
- MALCHER, JOSÉ MARIA GAMA (1964) — *Índios. Grau de Integração na Comunidade Nacional*. Grupo Linguístico. Localização. Conselho Nacional de Protecção aos Índios, Nova Série, Publicação N.º 1, Rio de Janeiro.
- MATTOSO, ERNESTO, Org. (1908) — *Album do Estado do Pará*. Mandado Organizar por S.ª Exc.ª o Snr. Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado. Oito Anos do Governo (1901-1909), Imprimerie Chaponet, Paris.
- METRAUX, ALFRED (1928) — *La civilization matérielles des tribus Tupi-Guarani*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.
- MONTANDON, GEORGE (1934) — *Taité d'Ethnologie*. Payot, Paris.
- MUNIZ, JOÃO DE PALMA (1916) — *Limites Municipais do Estado do Pará*, In Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo 9.º, Instituto Lauro Sodré, Belém.
- MURDOCK, GEORGE et alii (1954) — *Guia para la Classification de los Datos Culturales*. M anuales Tecnicos N.º 6, Union Panamericana, Oficina de Ciências Sociais, Washington.
- NIMUENDAJU, CURT (1948) — *Little Known Tribes of the Lower Tocantins River Region*, In Handbook of South American Indians. Vol. 3.º, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bul 143, Washington.
- NIMUENDAJU, CURT METRAUX, ALFRED (1948) — *The Amanayé*, In Handbook of South American Indians, Vol. 3.º, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bul. 143, Washington.
- OLIVEIRA, ERNESTO VEIGA DE (1971) — *Apontamentos sobre Museologia*, Museus Etnográficos, Estudos de Antropologia Cultural N.º 6, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.
- RIBEIRO, BERTA B. (1957) — *Bases para uma Classificação de Adornos Plumários dos Índios do Brasil*, In Arquivos do Museu Nacional, N.º 43, Rio de Janeiro.

- RIBEIRO, DARCY (1957) — *Culturas e Línguas Indígenas do Brasil*, In Educação e Ciências Sociais, Vol. II, N.º 6. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, ARYON DALL'IGNA (1964) — *A classificação do Tronco Linguístico Tupi*, In Revista de Antropologia, Vol. XII, S. Paulo.
- SIMÕES, MÁRIO F. (1963) — *Código para Classificação do Material Etnológico*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Mans, Belém.
- 1963 A — *Guia para Classificação de Material Etnográfico: Armas (Arco, Flechas e Zaratana)*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Mans. Belém.
- STEWART, JULIAN FARON, LOUIS C. (1959) — *Native People of South America*. McGraw-Hill Book Company Inc. New York.
- STEGGERDA, MORRIS (1959) — *The pigmentation and hair of South American Indians*, In Handbook of South American Indians. Vol. 6.º, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology. Bul. 143, Washington.
- SOUZA, FRANCISCO BERNARDINO DE (1873) — *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*, Pará.
- TAX, SOL (1960) — *Aboriginal Languages of Latin American*, In Current Anthropology, Vol. 1.º, N.ºs 5/6, Chicago.
- UNESCO (1959) — *L'Organisation des Musées*. Conseils Pratiques. UNESCO, Paris.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (1981) — *Fototeca. Laboratório de Etnologia*. Universidade Federal do Pará, Belém.
- ZERRIES, OTTO (1980) — *Unter Indiannern Brasiliens*. Sammlung Spix und Martius 1817-1820. Staatlichen Museum für Völkerkunde München. Band I, Innsbruck.

AS COLECCÕES:

MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI (INAP/CNPq)

Coleção Figueiredo & Vergolino e Silva, 1968

N.º 12.091 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: Fruto da cuieira (Crescencia cujete).
 Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício na base do talo para retirar a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar.
 Feito por mulher e usado por ambos os sexos.
 Utilizado para guardar farinha, tapioca ou milho.

N.º 12.092 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescencia cujete).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício na base do talo para retirar a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar.
Feito por mulher e usado por ambos os sexos.
Utilizado para carregar e guardar água.

N.º 12.093 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescencia cujete).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício na base do talo para retirar a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar.
Feito por mulher e usado por ambos os sexos.
Utilizado para carregar e guardar água.

N.º 12.094 — CUIA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescencia cujete).
Descrição: o fruto é cortado ao meio e retirada a polpa. Depois de limpo colocam ao sol para secar.
Feito por mulher e usado por ambos os sexos.
Utilizado para guardar massa de mandioca, farinha e fava.

N.º 12.095 — PILÃO

Material: madeira Sucupira (Bowdichia nitida Spruce)
Descrição: Tora de madeira talhada, medindo 0,78 cm. com cavidade aberta em uma das extremidades, servindo a outra como base.
Feito por homem e usado por ambos os sexos.
Utilizado para pilar massa de mandioca, café, arroz e milho.

N.º 12.096 — MÃO DE PILÃO

Material: madeira Louro (Ocotea fragrantíssima Ducke).
Descrição: Pedaco de madeira medindo 0,84 cm. com empunhadura talhada na própria madeira.
Feito por homem e utilizado por mulher.
Utilizado para pilar a massa da mandioca.

N.º 12.097 — REMO

Material: madeira Pitaíca (Swartzia platygyne Ducke).
Descrição: pedaco de madeira, medindo 1,00 m talhado nas extremidades, formando o cabo e a pá.
Fabricado e utilizado por homem.
Utilizado na navegação.

N.º 12.098 — REMO

Material: madeira Pitaíca (*Swartzia platygynne* Ducke).
Descrição: pedaço de madeira, medindo 0,93 cm. talhado nas extremidades, formando o cabo e a pá. Fabricado por homem e usado por crianças. Utilizado na navegação.

N.º 12.099 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub) e fibra de curauá (*Ananas sativus* Schult.).
Descrição: arco comum, simples, de maparajuba, medindo 1,74 m. Secção plano-convexa. Corda de curauá. Fixação temporal, com o comprimento extra da corda que vai enrolar-se junto ao pé do arco.
Fabricado e utilizado por homem.
Usado na caça e na pesca.

N.º 12.100 — Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazónica* Hub.) e fibra de curauá (*Ananas satibus* Schult.).
Descrição: arco comum, simples, de maparajuba, medindo 1,61 m. Secção plano-convexa. Corda de curauá, pintada com imbauba. Fixação temporal, sem o comprimento extra da corda.
Fabricado e utilizado por homem.
Usado na caça e na pesca.

N.º 12.101 — ZAGAIA

Material: cana de ubá (*Gynerium saggitatum* Peavy), madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub.) e alça de lata de querozene.
Descrição: Zagaia medindo 2,12 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,85m. Vareta de maparajuba, medindo 0,17 cm. encastoada à haste e reforçada por fios de algodão coberto por breu. Ponta tridente, feita de alças de latas de querozene, farpeada medindo 0,10 cm. encastoada à vareta e reforçada, por fios de algodão coberto com breu.
Fabricada e usada por homem.
Utilizada na pesca.

N.º 12.102 — ESPANADOR

Material: cauda do macaco Cuxitú (*Phitecia satanas*) e haste de madeira.
Descrição: a cauda do macaco é cortada em sua base, retirando-se apenas a pele e o pêlo, introduzindo-se depois a haste de madeira. À medida que o processo de ressecagem ocorre, o couro vai aderindo à haste.
Fabricado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para espanar a maloca.

N.º 12.103 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: o trançado em espiral com uma meia-amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,19 cm. A forma circular da boca é feita com a tala recoberta por cipó, onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,25 cm. e o do corpo 0,23 cm.

Trabalho masculino e uso feminino.

Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 12.104 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescencia cujete).

Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício junto ao talo para retirar a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar.

Trabalho feminino e usado por ambos os sexos.

Utilizado para carregar e guardar água.

N.º 12.105 — CUIA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescencia cujete).

Descrição: o fruto é cortado ao meio e retirada a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar. Feito por mulher e usado por ambos os sexos.

Utilizado para guardar massa de mandioca, farinha e fava.

N.º 12.106 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto de cuieira (Crescencia cujete).

Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício junto ao talo para retirar a polpa. Depois de limpo colocam ao sol para secar.

Feito por mulher e usado por ambos os sexos.

Utilizado para carregar e guardar água.

N.º 12.107 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto de cuieira (Crescencia cujete)

Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício junto ao talo para retirar a polpa. Depois de limpo colocam ao sol para secar.

Feito por mulher e usado por ambos os sexos.

Utilizado para guardar farinha, tapioca e milho.

N.º 12.108 — JAMAXIM (VIRAMUNDO)

Material: timboi, envira e envireira.

Descrição: as talas são vergadas em forma de feradura, medindo $0,63 \times 0,33$ cm., com as extremidades bem próximas uma da outra. O trançado da

parte interna é do tipo enrolado, assimétrico, em timboi e o da parte externa é do mesmo tipo em envira. Alças em envira para colocar nos ombros. Fabricado e usado por homem. Utilizado para carregar rede, comida ou caça. As peças a serem transportadas são colocadas entre as duas partes e amarradas com envireira.

N.º 12.109 — BORDUNA

Material: madeira Maparajuba (Mimusops amazonica Hub.).
 Descrição: pedaço de madeira, medindo 0,51 cm. de forma roliça com entalhe junto a empunhadura. Fabricada e usada por homem.
 Utilizada na pesca para abater peixes.

N.º 12.110 — ESPANADOR

Material: cauda de quati e haste de madeira.
 Descrição: a cauda é cortada em sua base, retirando-se apenas a pele e o pêlo, introduzindo-se depois a haste de madeira. À medida que o processo de ressecamento ocorre, o couro vai aderindo à haste. Fabricado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para espanar a maloca.

N.º 12.111 — ESPANADOR

Material: cauda macaco Cuxiu (Phitecia satanas) e haste de madeira.
 Descrição: a cauda do macaco é cortada em sua base, retirando-se apenas a pele e o pêlo, introduzindo-se depois a haste de madeira. À medida que o processo de ressecagem ocorre, o couro vai aderindo à haste. Fabricado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para espanar a maloca.

N.º 12.112 — PILÃO

Material: madeira Maparajuba (Mimusops amazonica Hub.).
 Descrição: tora de madeira medindo 0,82 cm com a cavidade aberta horizontalmente. Base plana. Feito por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para pilar arroz, café e milho.

N.º 12.113 — MÃO DE PILÃO

Material: madeira Ipê (Eperua bijuga Benth.).
 Descrição: pedaço de madeira, medindo 0,84 cm.

com a empunhadura talhada na própria madeira.
Feito por homem e usado por mulher.
Utilizada para pilar massa da mandioca.

N.º 12.114 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó e tala de Arumã (*Ishnosiphon arumá* Aub 1. Hoern), ripas de madeira e tiras de envira.
Descrição: o trançado entretecido é compacto e iniciado fundo, de forma exagonal, medindo 0,14 cm que é reforçado por um trançado sobreposto, preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido através da raspagem das talas, diminuindo assim a sua espessura, para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca, 0,33 cm e do corpo 0,23 cm.
Trabalho de homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 12.115 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.
Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado fundo, de forma exagonal, medindo 0,23 cm que é reforçado por um trançado sobreposto preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido através da raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca, 0,30 cm e do corpo 0,26 cm.
Feita por homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para carregar milho, arroz, ou farinha.

N.º 12.116 — ARCO INFANTIL

Material: madeira Aracapuri (*Albizzia lepeck* Pth.) e fios de algodão, tecidos.
Descrição: arco comum, simples, medindo 0,83 cm.

Secção plano-convexa. Corda de fios de algodão. Fixação temporal com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se junto ao pé do arco. Fabricado por homem e usado por adolescentes. Utilizado na pesca e caça.

N.º 12.117 — ARCO INFANTIL

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazônica Hub.) fios de algodão tecidos.
 Descrição: arco comum, simples, medindo 0,93 cm. Secção plano-convexa. Corda em fios de algodão. Fixação temporal, com o comprimento extra da corda, que vai enrolar-se junto ao pé do arco. Fabricado por homem e usado por adolescentes. Utilizado na pesca e na caça.

N.º 12.118 — PILÃO

Material: madeira Umiri (Huriria floribunda Mart.)
 Descrição: tora de madeira medindo 0,15 cm com a cavidade aberta em uma das extremidades, servindo a outra como base.
 Feito por homem e usado por mulher.
 Utilizado para socar tempero.

N.º 12.119 — RECIPIENTE DE TABOCA

Material: taboca e bucha de fibra vegetal.
 Descrição: pedaço de taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.), onde é colocado de um lado chumbo e do outro pólvora, tampados com a bucha.
 Fabricado e utilizado por homem.
 Usado para guardar a carga exacta de chumbo, pólvora e buchas para carregar o cartucho.

N.º 12.120 — CESTINHA DE CARREGAR, PARA CRIANÇA

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.
 Descrição: o trançado entretecido e espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,20 com ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,34 cm e do corpo 0,29 cm. Trabalho de homem e uso infantil.
 Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 12.121 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,33 cm. As ripas laterais em número de seis, são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés, para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido através da raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura, para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca, 0,30 cm e do corpo 0,26 cm.

Feita por homem e usada por ambos os sexos. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 12.122 — CURUATÁ

Material: casca de Inajá (Maximiliana regia Mart.).

Descrição: invólucro do fruto de inajá em sua forma natural.

Colhido por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para guardar tapioca, amassar açaí ou bacaba.

N.º 12.123 — CURUATÁ

Material: casca de Inajá (Maximiliana regia Mart.).

Descrição: invólucro do fruto de inajá em sua forma natural.

Colhido por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para guardar tapioca, amassar açaí ou bacaba.

N.º 12.124 — PATRONA

Material: cipó e tala de Timboi, com alças de enviara.

Descrição: trançado tafeté de duas tramas. A trama interna é tecida sobre um molde de madeira, retirado após ter sido terminado o trançado. A seguir a mesma é coberta com fazenda sobre a qual é tecida a segunda trama. As talas recobertas com o cipó, acentuam o contorno da peça e prendem a alça tecida com envira para levar a tiracolo.

Fabricada e usada por homem.

Utilizada para guardar cartuchos e outros utensílios de caça.

N.º 12.125 — MOLDE PARA PATRONA

Material: madeira Marupá (Simaruba amara Aubl.).
Descrição: pequeno pedaço de madeira, medindo $0,09 \times 0,07 \times 0,04$ cm de forma rectangular.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado como molde para tecer a patrona.

N.º 12.126 — PEDRA PARA AMOLAR

Material: arenito.
Descrição: pedaço de arenito retirado do leito do rio em sua forma original, com o auxílio de faca ou terçado.
Trabalho de homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para amolar objectos cortantes.

N.º 12.127 — VASSOURINHA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: feixes de talas de 0,18 cm dobradas ao meio. O trançado simples, feito com o cipó, serve para prender as talas e dar apoio à vara de madeira que é introduzida no orifício superior.
Fabricada por mulher e usada por crianças.
Utilizada como brinquedo.

N.º 12.128 — VASSOURA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: feixes de talas de 0,35 cm dobradas ao meio. O trançado simples, feito com o cipó, serve para prender as talas e dar apoio à vara de madeira que é introduzida no orifício superior.
Fabricada e usada por mulher.
Utilizada para varrer o interior da maloca.

N.º 12.129 — BRINQUEDO (CANOA)

Material: madeira Umiri (Huriria floribunda Mart.).
Descrição: pedaço de madeira, medindo $0,42 \times 0,12$ cm talhado em forma de canoa.
Fabricado e usado por crianças.
Utilizado como brinquedo.

N.º 12.130 — TIPITI

Material: tala e cipó de arumã.
Fabricado pela população interiorana envolvente.
Utilizado para espremer a massa da mandioca.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Colecção Figueiredo & Vergolino e Silva, 1969

N.º 1.067 — PILÃO

Material: madeira Sucupira (*Bowdichia nitida* Spruce)
Descrição: tora de madeira medindo 0,72 cm com a cavidade aberta em uma das extremidades, servindo a outra como base.
Feito por homem e usado por ambos os sexos.
Utilizado para pilar arroz, café e milho.

N.º 1.068 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,25 cm. A forma circular da boca é feita com tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,40 cm e do corpo 0,34 cm. Trabalho masculino e uso feminino.
Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.069 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,25 cm. A forma circular da boca é feita com tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,45 cm e do corpo 0,35 cm. Trabalho masculino e uso feminino.
Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.070 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,26 cm. A forma circular da boca é feita com tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,36 cm e o do corpo 0,31 cm. Trabalho masculino e uso feminino.
Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.071 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,26 cm. A forma circular da boca é feita com tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado.

O diâmetro da boca é de 0,31 cm e o do corpo 0,28 cm.

Trabalho masculino e uso feminino.

Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.072 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,22 cm. A forma circular da boca é feita com tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,31 cm e o do corpo 0,28 cm.

Trabalho masculino e uso feminino.

Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.073 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,17 cm. A forma circular da boca é feita com a tala recoberta com cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,26 cm e o do corpo 0,21 cm.

Trabalho masculino e uso feminino.

Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.074 — CESTINHA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: o trançado em espiral com meia amarra é iniciado pelo fundo, de base plana, medindo 0,10 cm. A forma circular da boca é feita com a tala recoberta de cipó onde é arrematado o trançado. O diâmetro da boca é de 0,17 cm e o do corpo 0,14 cm.

Trabalho masculino e uso feminino.

Utilizada para guardar utensílios domésticos.

N.º 1.075 — PATRONA

Material: cipó e tala de Arumã (*Ischnosiphon arumã* Aubl. Koern), com alças de fios de algodão.

Descrição: trançado tafetá em duas tramas. A trama interna é tecida sobre molde de madeira, retirado após ter sido terminado o trançado. A seguir a mesma é recoberta com fazenda sobre a qual é tecida a segunda trama. As talas recobertas com o cipó, acentuam o contorno da patrona e prendem

a alça tecida com fios de algodão para levar a tiracolo.
Fabricada e usada por homem.
Utilizada para guardar cartuchos e outros utensílios de caça.

N.º 1.076 — VASSOURA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: feixes de talas de 0,85 cm dobradas ao meio. O trançado, simples, feito com o cipó serve para prender as talas e dar apoio à vara de madeira que é introduzida no orifício superior.
Fabricada e usada por mulher.
Utilizada para varrer o interior da maloca.

N.º 1.077 — VASSOURA PEQUENA

Material: cipó e tala de Timboi.
Descrição: feixes de talas de 0,55 cm dobradas ao meio. O trançado, tafetá, feito com o cipó entremecendo-se o mesmo com talas dobradas em duas faixas, sendo a superior mais larga.
Fabricada por mulher e usada por criança.
Utilizada como brinquedo.

N.º 1.078 — FUSO

Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub.) e casco de jabuti (*Testudo tabulata* Mart.).
Descrição: Eixo talhado em madeira onde é enrolado a maçaroca de algodão, tendo como apoio um disco talhado em casco de jabuti.
Fabricado por homem e usado por ambos os sexos.
Utilizado para fiar algodão silvestre.

N.º 1.079 — MOLDE PARA PATRONA

Material: madeira Marupá (*Simaruba amara* Aubl.).
Descrição: pequeno pedaço de madeira medindo 0,85 × 0,09 × 0,03 cm, de forma rectangular.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado para tecer a patrona.

N.º 1.080 — MOLDE PARA PATRONA

Material: madeira Marupá (*Simaruba amara* Aubl.).
Descrição: pequeno pedaço de madeira, medindo 0,75 × 0,09 × 0,35 cm, de forma rectangular.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado para tecer a patrona.

N.º 1.081 — BRINQUEDO

Material: taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.) e alça em Timboi.
Descrição: pedaço de taboca, medindo 0,14 cm, com uma fenda de 0,05 cm onde à armada a alça que serve para arremessar pequenos dardos.
Fabricado por criança.
Utilizado como brinquedo.

N.º 1.082 — BRINQUEDO

Material: taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rypr.) e alça em Timboi.
Descrição: pedaço de taboca, medindo 0,16 cm com uma fenda de 0,04 cm onde é armada a alça que serve para arremessar pequenos dardos.
Fabricado por criança.
Utilizado como brinquedo.

N.º 1.083 — BRINQUEDO

Material: Taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.) e alça em Timboi.
Descrição: pedaço de taboca, medindo 0,18 cm com uma fenda de 0,075 cm onde é armada a alça que serve para arremessar pequenos dardos.
Fabricado por criança.
Utilizado como brinquedo.

N.º 1.084 — PEDRA PARA AMOLAR

Material: arenito
Descrição: pedaço de arenito retirado do rio em sua forma original, com auxilio de faca ou terçado. Trabalho de homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para amolar objectos cortantes.

N.º 1.085 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,86 m. Secção plano-convexa. Corda de fios de algodão. Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se na terça-parte do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.086 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,61 m.

Secção plano-convexa. Corda de fios de algodão.
Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se na terça-parte do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.087 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazonica Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,81 m.
Secção plano-convexa. Corda de fio de algodão.
Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se na terça-parte do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.088 — ARCO

Material: madeira Marajuba (Miinusops amazonica Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,31 m.
Secção plano-convexa. Corda de fios de algodão.
Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se junto ao pé do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.089 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazonica Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,49 m.
Secção plano-convexa. Corda de fios de algodão.
Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se junto ao pé do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.090 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazonica Hub.) e fibra de curauá (Ananas sativus Schult.).
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,62 m.
Secção plano-convexa. Fixação temporal com o comprimento extra de corda que vai fixar-se junto ao pé do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.091 — ARCO

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazonica Hub.) e fios de algodão.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,46 m. Secção plano convexa. Corda de fios de algodão. Fixação temporal, com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se junto ao pé do arco.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.092 — ARCO

Material: madeira Envireira (Anona longiflora Aubl.) e cipó Timboi.
Descrição: arco comum, simples, medindo 1,62 m. Secção plano-convexa. Corda de timboi. Fixação temporal sem o comprimento extra de corda.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado na caça e na pesca.

N.º 1.093 — BORDUNA

Material: madeira Maparajuba (Miinusops amazonica Hub.).
Descrição: pedaço de madeira, medindo 0,33 cm de forma elítica, com incisões na empunhadura. Alça de fios de algodão.
Fabricada e usada por homem.
Utilizada na pesca para matar peixes.

N.º 10.94 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de enviara.
Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,33 cm que é reforçado por um trançado sobreposto preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo e funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido através da raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de enviara, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,43 cm e o do corpo 0,43 cm.
Feita por homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.109 — VASSOURA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: feixes de talas de 0,80 cm dobradas ao meio. O trançado simples, feito com o cipó é sobreposto e serve para prender as talas e dar apoio à vara de madeira que é introduzida no orifício superior.

Fabricada e usada por mulher.

Utilizada para varrer o interior da maloca.

N.º 1.110 — CONJUNTO DE ARCOS, FLECHAS E ZAGAIAS (BRINQUEDO)

Material: galhos de árvore, inajá e fios de algodão.
Descrição: três arcos comuns, simples de galhos de árvore, medindo 0,21 cm. Secções elíticas. Cordas de fios de algodão. Fixações temporais.

Nove flechas de inajá, medindo 0,25 cm. Pontas em espeque talhadas na própria haste. Sem emplumação. Três zagais, medindo 0,25 cm. em inajá, com pontas tridentes de ferro (pregos), encastoadas à haste e reforçadas com fios de algodão.

Fabricados e usados somente por meninos.

Utilizados para matar calangos, sapos, pequenos peixes, insectos e também como brinquedo.

N.º 1.111 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,30 cm que é reforçado por um trançado sobreposto, preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto, para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido através da raspagem das talas diminuindo assim a sua espessura, para facilitar o trançado, que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,43 cm e do corpo 0,40 cm.

Trabalho de homem e usada por ambos os sexos. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.112 — CESTINHA DE CARREGAR, PARA CRIANÇA

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo

0,15 cm. com ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,23 cm e do corpo 0,20 cm. Trabalho de homem e uso infantil. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.113 — APITO

Material: madeira Taperebá (*Spondias lutea* L.).
Descrição: pedaço de madeira de $0,037 \times 0,22 \times 0,01$ cm com três orifícios perfurados a fogo.
Preparado e usado por homem.
Utilizado na caça para atrair a anta (*Tapirus terrestris*) imitando seu assovio.

N.º 1.114 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.
Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,25 cm. com ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas após armado o cesto, para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas em envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,37 cm e do corpo 0,35 cm.
Trabalho de homem e usada por ambos os sexos. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.115 — RECIPIENTE EM CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da Cuieira (*Crescência cujete*).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício em um dos lados para retirar a polpa. Depois de limpa, colocam ao sol para secar.
Trabalho feminino e usado por ambos os sexos. Utilizado para carregar água.

N.º 1.116 — RECIPIENTE DE CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (*Crescência cujete*).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício

em um dos lados para retirar a polpa. Depois de limpa, colocam ao sol para secar.
Trabalho feminino e usado por ambos os sexos.
Utilizado para carregar água.

N.º 1.117 — RECIPIENTE DE CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto da cuieira (Crescência cujete).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício junto ao talo para retirar a polpa. Depois de limpa, colocam ao sol para secar.
Trabalho feminino e usado por ambos os sexos.
Utilizado para criança beber água.

N.º 1.118 — BRINQUEDO (FACA)

Material: madeira Marupá (Simaruba amara Aubl.).
Descrição: a madeira é talhada em forma de faca.
Fabricado por criança.
Utilizado como brinquedo.

N.º 1.119 — CESTA

Material: cipó de Timboi.
Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,35 cm. O cipó é obtido pela raspagem das talas diminuindo assim sua espessura para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. Diâmetro da boca 0,43 cm e do corpo 0,40 cm.
Trabalho de homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para guardar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.120 — RECIPIENTE DE CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto de cuieira (Crescência cujete).
Descrição: após colher o fruto, abrem um orifício junto ao talo para retirar a polpa. Depois de limpo colocam ao sol para secar.
Trabalho feminino e usado por ambos os sexos.
Utilizado para criança beber água.

N.º 1.121 — RECIPIENTE DE CABAÇA (JAMARU)

Material: fruto de cuieira (Crescência cujete).
Descrição: após o fruto, abrem um orifício logo abaixo do talo para retirar a polpa. Depois de limpo, colocam ao sol para secar.
Trabalho feminino e usado por ambos os sexos.
Utilizado para criança beber água.

N.º 1.122 — PILÃO

Material: ouriço da Castanha Sapucaia (*Lecythis paraensis* Hub.).

Descrição: o ouriço é usado em sua forma natural. Colectando na mata e usado por mulher para pilar condimentos.

N.º 1.123 — REMO PEQUENO

Material: madeira Louro (Ocotea fragrantíssima Ducke).

Descrição: pedaço de madeira, medindo 0,56 cm talhado nas estremidades, formando o cabo e a pá. Feito por homem e usado por criança. Utilizado para remar.

N.º 1.124 — ESPANADOR

Material: cauda de macaco Cixiu (Phitecia satanás) e haste de madeira.

Descrição: a cauda do macaco é cortada em sua base, retirando-se apenas a pele e o pêlo, introduzindo-se depois a haste de madeira. À medida que o processo de ressecagem ocorre, o couro vai aderindo à haste.

Fabricado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para espanar a maloca.

N.º 1.125 — MACHADO

Material: madeira Mapajajuba (Miinusops amazônica Hub.) e lâmina em ferro.

Descrição: cabo em madeira, medindo 0,83 cm onde é encaixada a lâmina de ferro. Fabricado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para cortar árvores.

N.º 1.126 — JAMAXIM

Material: folha de bacabeira (Oenocarpus distichus Mart.) e alças de envira.

Descrição: a folha é dobrada em três partes, que vai dar a forma rectangular ao cesto, medindo 0,46 × 0,21 cm. Depois de tecida, o arremate da boca é feita em trança. Na parte posterior, três alças de envira: uma para a testa e duas para os ombros.

Fabricado e usado por homem.

Feito na mata para transportar a caça abatida e jogado fora após sua utilização.

N.º 1.127 — JOGO DE ANZÓIS (CAMBÃO)

Material: linha comercial americana e anzóis (5) em aço.

Descrição: os anzóis são presos à linha e reforçado com breu. Depois de armado o jogo o mesmo é amarrado à outra linha.

Fabricado e usado por homem.

Utilizado na pesca: a linha é estendida horizontal-

mente e amarrada em árvores, nas margens dos igarapés, em intervalos irregulares, de tal maneira que os anzóis ficam mergulhados cerca de 0,04 a 0,05 cm.

N.º 1.128 — CUIA (JAMARU)

Material: fruto da cueira (*Crescencia cujete*).
Descrição: o fruto é cortado ao meio e retirada a polpa. Depois de limpa, colocam ao sol para secar. Feito por mulher e usado por ambos os sexos.
Utilizado para carregar água.

N.º 1.129 — ZAGAIA

Material: madeira Envireira (*Anona longiflora* Aubl.) e pregos.
Descrição: haste medindo 1,59 m. Vareta de madeira medindo 0,16 cm, encastoadà à haste e reforçada com fios de algodão, cobertos por breu. Ponta tridente, de pregos, farpeada, medindo 0,08 mm, encastoadà à vareta e reforçada por fios de algodão, cobertos com breu.
Fabricada e usada por homem.
Utilizada na pesca.

N.º 1.130 — RECIPIENTE DE TABOCA

Material: taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.) e bucha de fibra vegetal.
Descrição: Peçaço de taboca, medindo 0,11 cm, onde colocam: de um lado a pólvora e do outro o chumbo, tampados com a bucha.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado para guardar a carga exacta de chumbo, pólvora e bucha para carregar o cartucho.

N.º 1.131 — RECIPIENTE DE TABOCA

Material: taboca (*Gradua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.) e bucha de fibra vegetal.
Descrição: peçaço de taboca, medindo 0,11 cm, onde colocam: de um lado a pólvora e do outro o chumbo, tampados com a bucha.
Fabricado e usado por homem.
Utilizado para guardar a carga exacta de chumbo, pólvora e buchas para carregar o cartucho.

N.º 1.132 — MÃO DE PILÃO

Material: madeira Sucupira (*Bowdichia nitida* Spruce).
Descrição: peçaço de madeira, medindo 0,34 cm com a empunhadura talhada na própria madeira. Feito por homem e usado por mulher.
Utilizado para pilar a massa da mandioca.

N.º 1.133 — PORONGA

Material: madeira, tampa de lata de querozene e lamparina pequena.

Descrição: a madeira é talhada em forma de espátula. A tampa de lata é dobrada e presa à espátula, formando uma meia circunferência para proteger a chama. A lamparina é amarrada à espátula com fios de algodão.

Fabricada por homem e usada por ambos os sexos. Utilizada na pesca nocturna e para iluminar os caminhos da mata nas viagens à noite.

N.º 1.134 — PORONGA

Material: lata de óleo comestível, lamparina pequena e alça de madeira.

Descrição: retira-se a parte superior da lata que é substituída por uma tampa com orifício central. Na face anterior é feito um orifício na altura da chama, e a empunhadura é talhada em madeira, que é colocada na face oposta e presa com arame.

Fabricada por homem e usada por ambos os sexos. Utilizada na pesca nocturna e para iluminar os caminhos da mata nas viagens à noite.

N.º 1.135 — CURUATÁ

Material: casca de Inajá (*Maximiliana regia* Mart.).

Descrição: invólucro do fruto da inajá em sua forma natural.

Colectado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para guardar pequenos utensílios domésticos.

N.º 1.136 — CURUATÁ

Material: casca de Inajá (*Maximiliana regia* Mart.).

Descrição: invólucro do fruto de inajá em sua forma natural.

Colectado por homem e usado por ambos os sexos. Utilizado para guardar pequenos utensílios domésticos.

N.º 1.137 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado fundo, de forma exagonal, medindo 0,30 cm. As ripas laterais, em número de seis, são colocadas depois de armado o cesto, para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão evitando assim a humidade. O cipó é obtido com a raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura, para facilitar o trançado. A forma

circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca, 0,45 cm e do corpo 0,41 cm.

Trabalho de homem e usada por ambos os sexos. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.138 — FLECHA

Material: cana de Ubá (*Eriantus saccharoides* Michx.) penas de gavião e fios de algodão.

Descrição: flecha de caça e guerra, medindo 1,56 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,22 m. Ponta de madeira em espeque, medindo 0,34 cm encastoada à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de gavião. As penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita apenas nas extremidades das penas por fios de algodão.

Fabricada e usada por homem.

Utilizada na caça e pesca.

N.º 1.139 — FLECHA

Material: cana de Ubá (*Eriantus saccharoides* Michx.), penas de gavião e fios de algodão.

Descrição: flecha de caça e guerra, medindo 1,54 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,21 m. Ponta de madeira, em espeque, medindo 0,33 cm, encastoada à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de gavião. As penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita somente nas extremidades das penas por fios de algodão.

Fabricada e usada por homem.

Utilizada na caça e na pesca.

N.º 1.140 — FLECHA

Material: cana de Ubá (*Eriantus saccharoides* Michx.), penas de gavião e fios de algodão.

Descrição: flecha de caça e guerra, medindo 1,61 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,21 m. Ponta de madeira em espeque, medindo 0,40 cm, encastoada à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de gavião. As penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita somente nas extremidades das penas por fios de algodão.

Fabricada e usada por homens.

Utilizada na caça e na pesca.

N.º 1.141 — FLECHA

Material: cana de Ubá (*Eriantus saccharoides* Michx.), penas de gavião e fios de algodão.

Descrição: flecha de caça e guerra, medindo 1,56 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,21 m. Ponta de madeira, em espeque, medindo 0,35 cm, encastoadà à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de gavião. As penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita somente nas extremidades das penas por fios de algodão.

Fabricada e usada por homem.
Utilizada na caça e na pesca.

N.º 1.142 — BREU

Material: latex resinoso de cor escura (*Symphonia globulifera* L.).

Descrição: o latex é retirado mediante golpes de terçado. Depois de seca, a resina é utilizada para calafetar embarcações e reforçar a amarração de flechas e zagaias. Coletado, preparado e usado por homem.

Utilizado para calafetar embarcações e reforçar a amarração de flechas e zagaias.

N.º 1.143 — RODO

Material: madeira Cedro (*Cedrela odorata* L.).

Descrição: pedaço de madeira, medindo $0,35 \times 0,15 \times 0,01$ cm, de forma rectangular, com um orifício central para encaixar o cabo em madeira.

Fabricado por homem e usado por ambos os sexos.
Utilizado para misturar a farinha no forno.

N.º 1.144 — VASSOURA

Material: galhos e vara de madeira.

Descrição: o feixe, feito de qualquer galho de árvore é amarrado à vara de madeira por fios de envira.

Fabricada e usada por mulher.

Utilizada para varrer o terreiro da aldeia.

N.º 1.145 — CESTINHA DE CARREGAR PARA CRIANÇA

Material: cipó e tala de Timboi, ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é espaçado e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,19 cm que é reforçado por um trançado sobreposto preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humi-

dade. O cipó é obtido pela raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura, para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa. Diâmetro da boca 0,28 e do corpo 0,26 cm. Trabalho de homem e usada por criança. Utilizada para carregar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.152 — ARMADILHA

Material: galhos de árvore, talas de Timboi e ripa de Taboca.

Descrição: os galhos são dispostos em forma de cone, medindo 2,42 m de altura por 2,12 m de circunferência, presos no vértice, no centro e na base com talas de timboi. A tampa é feita com ripas de taboca presas à base por cipó, de maneira que possa fechar-se quando o quelônio entra na armadilha.

Trabalho de homem e usada por homem.

Utilizada para apanhar cabeçuda (*Podocnemis unifilis*).

N.º 1.153 — CESTA DE CARREGAR

Material: cipó de tala de Arumã (*Ischnosiphon arumã* Aubl. Koern), ripas de madeira e tiras de envira.

Descrição: o trançado entretecido é compacto e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,33 cm que é reforçado por um trançado sobreposto, preso às ripas laterais em número de seis. Estas são colocadas depois de armado o cesto para dar maior estabilidade ao mesmo, funcionando como pés para elevá-lo do chão, evitando assim a humidade. O cipó é obtido pela raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura, para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. As tiras são feitas de envira, servindo como alças para os ombros e testa.

Trabalho de homem e usada por ambos os sexos.

Utilizada para carregar milho, arroz, ou farinha.

N.º 1.154 — CESTA

Material: cipó e tala de Timboi.

Descrição: o trançado entretecido é compacto e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,31 cm. O cipó é obtido pela raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura, para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. O diâmetro da boca é de 0,44 cm e do corpo 0,40 cm.

Feita por homem e usada por ambos os sexos.
Utilizada para guardar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.155 — CESTA

Material: cipó de Arumã (*Ischnosiphon arumã* Aubl. Koern).

Descrição: o trançado entretecido é compacto e iniciado pelo fundo, de forma exagonal, medindo 0,33 cm. O cipó é obtido pela raspagem das talas, diminuindo assim sua espessura para facilitar o trançado. A forma circular da boca é feita com madeira flexível, onde é arrematado o trançado que vai completar a parte interna do cesto. Diâmetro da boca 0,43 cm e do corpo 0,41 cm.

Trabalho masculino e usada por ambos os sexos.
Utilizada para guardar milho, arroz ou farinha.

N.º 1.156 — JAMAXIM

Material: cipó e tala de Timboi, alças de envira e varas de madeira.

Descrição: trançado simples, medindo 0,60 × 0,26 cm. Sobre a trama são colocadas seis varas de madeira, que dão resistência e forma rectangular ao cesto, assim distribuídas: duas na parte interna, duas dentro do trançado e duas na parte externa. Na base do jamaxim, são colocadas três alças de envira: uma para a testa e duas para os ombros.

Fabricado e usado por homem.

Utilizado para transportar roupa, rede e pequenos utensílios.

N.º 1.157 — FRUTO DA BUCHINHA

Material: fruto da Buchinha (*Luffa operculata* L. Cogn.)

Descrição: os frutos da buchinha são pequenos e cheios de protuberâncias moles. A buchinha é colocada ao sol para secar e retirada a casca, o fruto é macerado e fervido.

Coletado, preparado e usado por mulher.

Seu extracto misturado ao extracto das folhas do maracujá (*Passiflora laurifolia* L.) é usado como abortivo.

N.º 1.159 — PILÃO

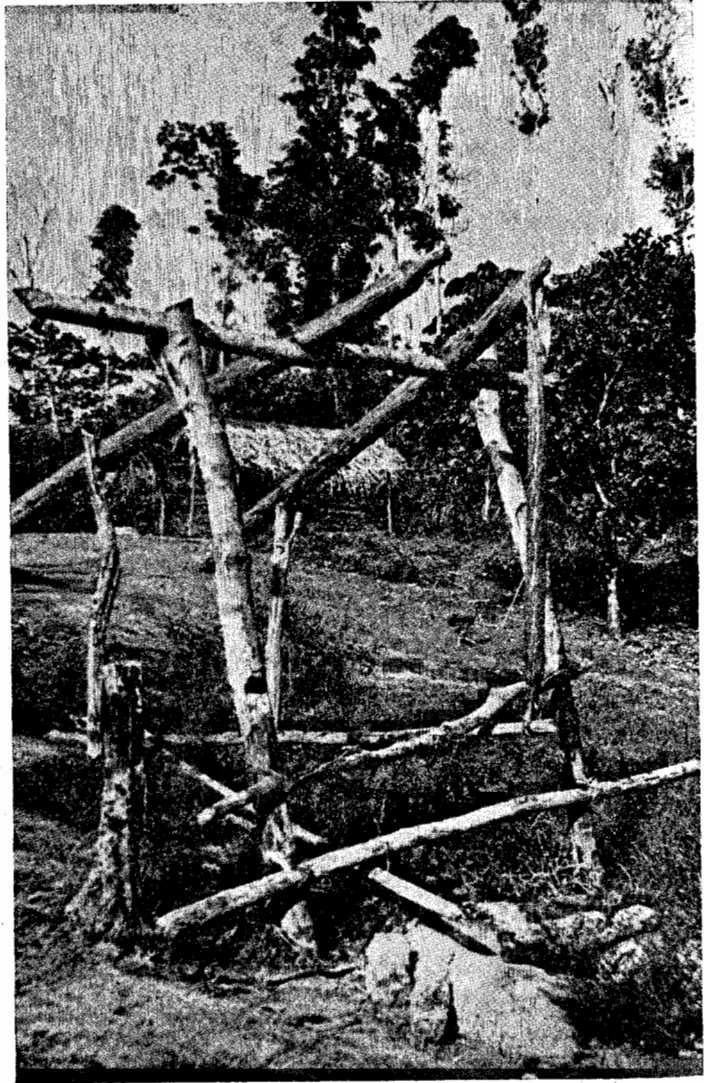
Material: madeira Maparajuba (*Miinusops amazonica* Hub.).

Descrição: tora de madeira, medindo 0,54 cm com a cavidade aberta horizontalmente à faca e fogo. Base plana.

Feito por homem e usado por ambos os sexos.
Utilizado para pilar café, arroz ou milho.



Família Anambé no interior da maloca



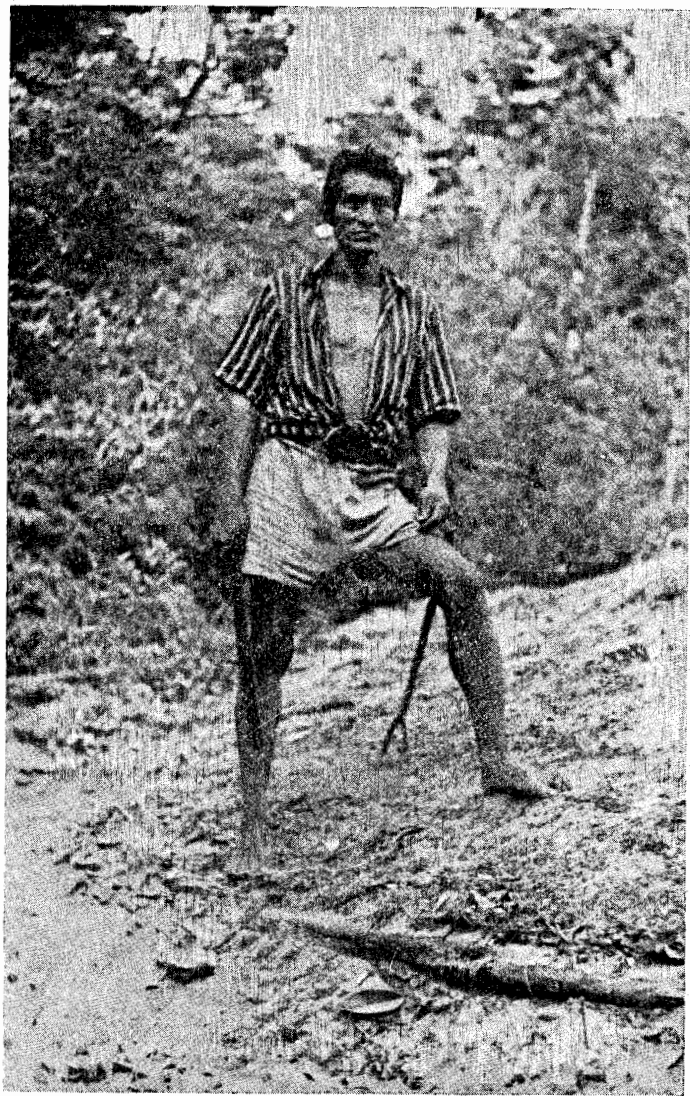
«Tipiti» duplo para extração da «manipuera» da massa de mandioca



*Índio Anambé regressando da caçada, vendo-se o «viramundo»
que transporta a caça recém abatida*



Índia Anambé regressando do roçado



Índio Anambé regressando do roçado



*Mestiço conduzindo farinha de mandioca recém fabricada
no cesto de carregar*



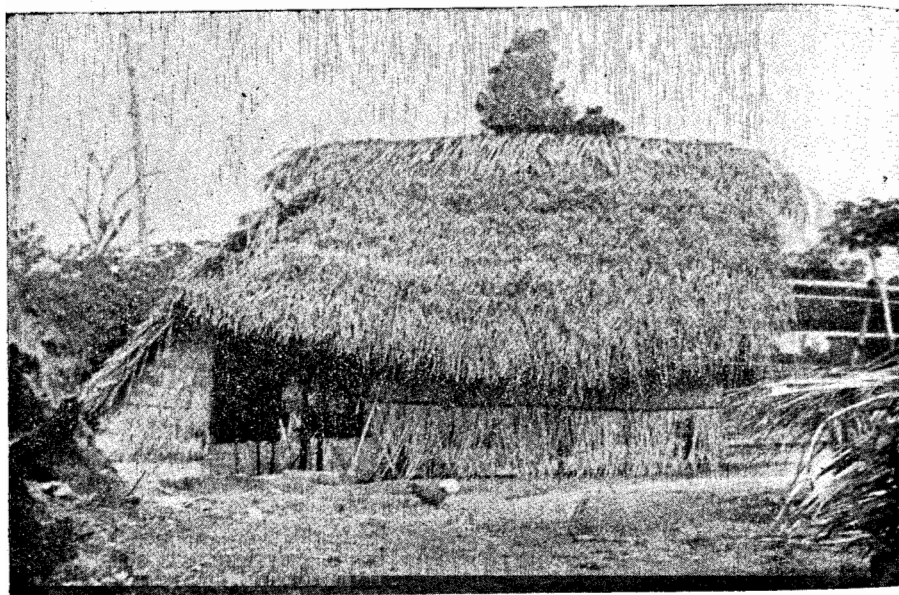
Casal de Índios Anambé regressando do roçado, conduzindo mandioca nos cestos de carregar



Maloca Anambé de duas águas



Interior da maloca, vendo-se diversos artefatos de uso diário



Maloca Anambé de três águas



Roçado de mandioca, nas proximidades da aldeia Yacitatã



Casa de farinha na periferia da aldeia



Índio experimentando o rodo recém-fabricado, para virar farinha no forno



Índio fabricando cestos